Original anexo ao
Proc. N.º 98/02
Em 10/5/02 fl.

Senhor Presidente
Senhores Vereadores

Nascida na cidade de São Paulo em 9 de julho de 1908, Anna Clotilde Bruna, mais tarde Irmã Maria Alberta, era filha de João Pedro Bruna e D. Maria Anastácia Renaudin de Ranville Bruna. Seus pais, católicos convictos, levaram-na às águas batismais na Igreja de Santa Cecília em São Paulo, 10 dias após seu nascimento. Pouco conhecemos de sua infância, mas certamente crescia em idade, sabedoria e graça como Jesus que a chamou para o seu seguimento e serviço na mais tenra juventude. Sua entrada precoce ao noviciado de Itu, aos 15 anos, no dia 13 de agosto de 1913, nos intui quanto seu coração se voltava espontaneamente para o Senhor e à expansão do seu reino.

Em 8 de setembro de 1914 ela recebeu o Hábito das Irmãs de São José e o nome de Irmã Maria Alberta. Dois anos após, em 9 de novembro de 1916, pronunciou seus primeiros votos temporários e em 25 de janeiro de 1931 fez a sua profissão perpétua, pronunciando publicamente a entrega já feita na flor de sua idade juvenil.

Quando chegou ao Noviciado, Irmã Maria Alberta tinha apenas o curso primário, ainda incompleto. Mas seu desejo de servir fez dela uma autodidata e, com esforço sem par, pôde colaborar nas missões da província, já desde juniorista, lecionando no curso primário em Itu, por 4 anos, no orfanato anexo à Santa Casa de Campinas por 8 anos e depois no externato de Taubaté. Somente em 1941 completou o Magistério, num curso de Madureza no Patrocínio.

Os difíceis e árduos exames de suficiência que se exigiam na época fizeram dela professora de Matemática, Ciências,

Trabalhos Manuais e Desenho, saindo-se sempre bem, dado o seu empenho e treino em vencer as dificuldades, fossem quais fossem, com fé inabalável.

Em 1941, a Província abriu uma Comunidade em Cotia-SP, que logo se extinguiu, mas para ela fora enviada a Irmã Maria Alberta, dando testemunho de coragem e zelo apostólico.

Em 1945, passou a metade do ano em Santos e depois no Seminário da Glória – SP, onde ficou 9 anos. Em 1946, iniciou atuação como Professora de Educação, em Jaú, que se estendeu por 10 anos. Desse tempo uma Irmã ex-aluna fez o seguinte depoimento: "Como Diretora do externato São José de Jaú, onde fiz o curso primário em 1955, tive como modelo Irmã Maria Alberta, que se distinguia pela sua dedicação, modéstia, senso de honestidade e disciplina. Ao penetrar em uma classe, sua presença elevava a todos nós pois nunca presenciamos atitudes impulsivas ou de caráter preferencial". Ainda dos tempos de Jaú, uma outra Irmã, sua ex-aluna, fala com carinho "Eu era aluna e companheira de Irmã Alberta nas suas catequeses nas fazendas ao redor de Jaú. Ela trabalhava a semana toda com alunos no externato e internato e aos domingos ia às fazendas para evangelizar. Preparava algumas moças de fora e algumas alunas que eram distribuídas pelas fazendas. Era impressionante sua dedicação apostólica!"

Outra marca de zelo era o amor pelas vocações. Fazia aconselhamento aos seminaristas e trabalhava pela sua formação. Apoiava e ajudava os sacerdotes em tudo que lhe era possível. A sua Missa de corpo presente foi celebrada por um sacerdote seu protegido, que a fez expressando seu carinho e gratidão por Irmã Maria Alberta. No ano de 1956, Irmã Alberta trabalhou em Franca, voltando novamente a Jaú, onde também, como secretária, ficou por mais 10 anos.

O Colégio Assunção de Piracicaba, também por um ano, pôde contar com a dedicação de Irmã Alberta em 1966 e em 1967 recebeu como prêmio e privilégio a possibilidade da Renovação que a Província programou em Itú. Nesse ano entregou-se de corpo e alma à vida espiritual e com grande abertura de mente e coração bebia os novos ensinamentos vindos do Vaticano II. O apostolado a que se dedicava as Irmãs nesse ano precioso ajudou-a a preparar-se para os 10 anos missionários que passou em Rubiataba, Góias. Nesta Missão tão cara às Irmãs, Irmã Alberta, de 1968 a 1969, pôde liberar os seus anseios apostólicos e o seu desejo de levar o nome de Jesus a grandes e pequenos, e sobretudo aos mais pobres, numa evangelização que atingia a pessoa em suas necessidades também materiais.

Deixando essa missão, Irmã Maria Alberta foi enviada ao Colégio São José, em Santos, no ano de 1969, onde seu amor a Cristo e aos pobres mostrou-lhe uma periferia santista, um bairro muito pobre – Samaritá, onde, ao mesmo tempo em que evangelizava e preparava catequistas, fazia um serviço social. Seu trabalho em Samaritá até 1984, quando foi transferida para Itú, colaborando na Pastoral Vocacional, por alguns meses.

Mesmo com a saúde enfraquecida, manifestava o seu desejo de trabalhar com a Igreja, indo às reuniões de religiosas e catequéticas da Diocese em Jundiaí, com grande pontualidade. Mas sua saúde reclamava uma parada. Foi transferida, então, para a Casa de Repouso São José. Seu coração, porém, continuava pulsando por Cristo e pelo Reino e não podendo mais sair para as periferias e paróquias, catequizava os funcionários e as pessoas que entravam naquela Casa de Repouso.

Sua ex-aluna escreveu ainda: "Os anos foram se passando e eu tive a felicidade de rever a mestra tão querida – ela

continuava aquela pessoa que eu tanto admirei em minha adolescência e juventude."

Enfraquecida por mal que exigia um tratamento cirúrgico, foi hospitalizada na Santa Casa ocupando um leito de uma enfermaria comum, deu-nos um exemplo de humildade, resignação e abandono à vontade de Deus. Seu exemplo edificou muito aos pacientes que estavam em tratamento na mesma unidade.

O Calvário de Irmã Maria Alberta foi muito doloroso, em meio a dores intensas seu semblante se iluminou quando alguém lhe lembrou que Cristo também esteve pregado na Cruz como ela o estava, e que, como dizia São Paulo, ela estava completando o que faltou à paixão de Cristo Jesus, esboçou um sorriso que não escondia entretanto seu sofrimento, parecendo querer dizer como Jó, 19,25 – "Eu sei que meu redentor está vivo .... e depois que for destruída esta minha pele, na minha carne verei a Deus. Eu mesma o verei ... meus olhos o contemplarão".

E o dia da eterna contemplação chegou em 17 de setembro de 1996.

Pelo trabalho realizado em Samaritá, onde até hoje é lembrada pela comunidade, devemos uma homenagem à memória de Irmã Maria Alberta. Por esse motivo é que submeto à apreciação do Egrégio Plenário o seguinte:

PROJETO DE LEI N.º 59 ***/02 – DOCUMENTO N.º*** 619 ***/02***

Denomina **Irmã Maria Alberta** a **Rua 7,** com início na **Avenida Terezina (Anel Viário)** e término na **Avenida B**, em **Samaritá.**

Art. 1.º - Fica denominada Irmã Maria Alberta a Rua 7, com início na Avenida Terezina (Anel Viário) e término na Avenida B, em Samaritá.

Art. 2.º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

SALA MARTIM AFONSO DE SOUSA.

Em 9 de maio de 2002.

CARLOS SANTIAGO

TEC0301/CK/ts